Libertação Crítica Latino-Americana pelo Sul Decolonial

Liberación Crítica Latinoamericana por el Sur Decolonial

Latin-America Critical Release by South Decolonial

Fábio Pereira do Vale Machado[1]

Edgar Cézar Nolasco[2]

Resumo

O presente artigo concatena – epistemologicamente – os meandros para a libertação e o reconhecimento crítico dos pesquisadores da América latina que versam seus estudos em coadunada perspectiva decolonial. Como doutorando da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul e, sobretudo, como pesquisador dos entrechos fronteiriços tenho discernido a visada epistemológica fronteiriça e seus impasses contemporâneos. A latinidade minha/nossa do povo latino-americano vem sendo apreciada pelos estudos críticos e, principalmente, a necessidade de um diálogo entre-críticos-do-sul e a apreciação da epistemologia do Sul são faces deste artigo que valora as matizes do biolócus, ou seja, a necessidade crítica oriunda do lócus latino que nos leva pensar, refletir e sentir por onde para onde pensamos. Nas corroborações hodiernas no que tange a face literária contemporânea consideramos hábil para esse diálogo a questão do olhar outro, da tomada reflexiva amoderna cujo para se instaura pela opção decolonial, essa, que passa a ser pelos eu-epistêmicos latinos uma questão de vida, uma questão de crítica biográfica do Cone Sul, cujo papel de quem assim assiste, de quem aqui reside de quem aqui se pensa, circunda pela missão epistemológica do fazer científico subjetivando a modernidade para um (des)pensar necessário. O presente artigo revela caminhos meus/nossos cuja criticidade ultracontemporânea circunda as matizes culturais da crítica literária latino-americana alicerçada pelo lócus Sul, cuja tomada de partida grassa pelo viés decolonial no entrecruzar das fronteiras epistemológicas existentes na América Latina. O artigo também enaltece – epistemologicamente – a necessidade de se erigir um processo para que a os países latino-americanos alcancem um cerce crítico que nos imbrique em uma nação crítico-epistemológica no cenário dialogal contemporâneo. Para este diálogo que estamos propondo e pesquisando temos como bases críticos como: Aníbal Quijano, Boaventura Santos, Enrique Dussel, Maria Paula Meneses, Walter Mignolo e outros que também têm discernido acerca da criticidade decolonial.

Palavras-chave: América Latina; Decolonialidade; Crítica Fronteriza; Epistemologia; Biolócus.

Resumen

El presente artículo concatena – epistemológicamente – las complejidades para la liberación y el reconocimiento crítico de los investigadores de América Latina que ven sus estudios en una perspectiva descolonial consistente. Como estudiante de doctorado en la Universidad Federal de Mato Grosso do Sul y, sobre todo, como investigador en tramos fronterizos, he discernido el enfoque epistemológico de frontera y sus impases contemporáneos. La latinidad mía/nuestra del pueblo latinoamericano ha sido apreciada por los estudios críticos y, principalmente, la necesidad de un diálogo entre-los-críticos-del-sur y la apreciación de la epistemología del sur son aspectos de este artículo que valora los matices del biolócus, o sea, la necesidad crítica de origen del locus latino que nos lleva a pensar, reflexionar y sentir donde sea que pensemos. En las corroboraciones de hoy en día con respecto al rostro literario contemporáneo consideramos la cuestión de la otra mirada, de la visión reflexiva no moderna para tenerse este diálogo, cuya opción descolonial se establece, que se convierte en una cuestión de vida una cuestión de crítica biográfica del Cone Sur, cuyo papel de quienes ayudan de esta manera, de quienes residen aquí, de quienes piensan aquí, se rodea de la misión epistemológica de la práctica científica subjetivando a la modernidad a un (des) pensamiento necesario. Este artículo revela mis/nuestros caminos cuya

[1] Doutorando no Programa de Estudos de Linguagens (PPGEL) pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul; Núcleo de Estudos Culturais Comparados (NECC/UFMS); Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil; professorfabioletras@gmail.com.

[2] Doutor em Literatura Comparada pela Universidade Federal de Minas Gerais; Núcleo de Estudos Culturais Comparados (NECC/UFMS); Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil; ecnolasco@uol.com.br.

crítica ultracontemporánea rodea los matices culturales de la crítica literaria latinoamericana basada en el locus Sur, cuyo punto de partida se debe al sesgo decolonial en la intersección de las fronteras epistemológicas existentes en América Latina. El artículo también destaca – epistemológicamente – la necesidad de erigir un proceso para que los países latinoamericanos alcancen una unidad crítica que nos imbrica en una nación crítico-epistemológica en el escenario dialógico contemporáneo. Para este diálogo que proponemos e investigamos tenemos bases críticas como: Aníbal Quijano, Boaventura Santos, Enrique Dussel, Maria Paula Meneses, Walter Mignolo y otros que también han discernido alrededor de la crítica descolonial.

Palabras clave: América Latina; Decolonialidad; Crítica Fronteriza; Epistemología; Biolócus.

Abstract

This article concatenates – epistemologically – the intricacies for Latin America researchers release and critical recognition in relation to the decolonisation perspective studies. The frontier epistemology and it deadlocks have been discerned. My and our features from Latin people have been apprized by the critic studies, and mainly, the need for a dialogue among South critics and the studies of epistemology from the south are in its article which concerns about the biolócus hues, in other words, the critical need from the Latin locus that leads us to think, consider and feel by and to where we think. In today corroborations related to the contemporary literary face the other´s look is considered clever, of not modern reflexive take which is established by the decolonial option, this, which comes to be the Latin me-epistemological a question of life, an issue of/by southern cone critical biography, which hole of whom lives, from the ones who here live and think, encircles by the epistemological mission of a scientific practice subjectifying the modernity to a necessary think. The actual article reveals my/our routes that ultra-contemporary criticality encircles cultural hues from Latin-American critical literature based by South locus, which starting comes from the decolonial bias in the epistemological frontiers intercross in Latin America. The article also exalts – epistemologically – the need for putting up a process in which Latin-America countries reach a critical level which build us as a critical epistemological nation in the contemporary dialogical scenario. For this article that we have proposed and been researching it was taken as critical bases: Aníbal Quijano, Boaventura Santos, Enrique Dussel, Maria Paula Meneses, Walter Mignolo and others who have been discerned about the decolonial criticality. Through this article we look for disseminating the understand and ways for the South-South dialogue for the decolonial anchor.

Keywords: Latin America; Decoloniality; Criticism Borders; Epistemology; Biolócus.

Predigo e recordo nesse diálogo que disponho que a minha/nossa América Latina passou a ser percebida – epistemologicamente –apenas no século passado. Digo percebida pelos próprios e fortalecidos Latino-americanos. As epistemologias do Sul vêm para nos dar essa compreensão ultracontemporânea descolonial. O pensamento de fronteira pôde ser percebido à medida que os países Latino-americanos foram angariando suas independências cívico-nacionais, começando pelo Haiti, quando sua conquista em 1804 fora alcançada. Pensar de onde se pensa requalifica a pesquisa: "*Logo, pesquisar a partir de onde se pensa faz toda a diferença para aquele pesquisador que sabe, sente e pensa que a inserção de seu bios na origem de sua reflexão crítica faz toda a diferença*" (NOLASCO. 2018a, p. 13).

De 1804, passando pela independência brasileira em 1822, até em 1903 com a conquista da independência do Panamá, todos os países de origem latina já eram libertos dos seus colonizadores. A partir de então, a unidade epistêmico-latina passava a ganhar força no cenário pós-colonial mundial.

Devo por esses meandros trazer esses acontecimentos para hoje – na contemporaneidade – poder dizer o que penso epistemologicamente sobre a América Latina. Por pensar daqui deste lócus de apreciação do desbravador Américo Vespúcio – e meu também – reitero a sinestésica e epistêmica forma de sentir, viver e experienciar o meu biolócus brasileiro, portanto, Latino-americano por um batalha como Enrique Dussel tem discernido: "*luta epistemológica", crítica, própria das novas ciências sociais na América Latina e da filosofia da libertação*" (DUSSEL, 2015, p. 55).

Até que o último país latino conquistasse a sua liberdade dos dogmáticos países colonizadores: Espanha, França e Portugal, tínhamos como nossa fonte um matar-de-sede com a água das nascentes modernas eurocêntricas. Claro que ao beber dessa fonte, os minérios carregados pela água por nós eram consumidos. Essa torneira começou a ser fechada com o tempo e a percepção Latino-Americana concentrava – paulatinamente – a união desses países para com a tomada de decisão, ou seja, o trabalho árduo para que a ruptura do eixo-eurocêntrico-cultural fosse necessária para um escantear epistêmico, logo, uma resposta Latino-americana tem sido elaborada:

> Uma das muitas soluções plausíveis para o dilema eurocêntrico versus fundamentalista é aquilo a que Walter Mignolo, inspirado em pensadores chicanos(as) como Gloria Anzaldúa (1987) e Jose David Saldivar (1997), chamou "pensamento crítico de fronteira" (Mignolo, 2000). O pensamento crítico de fronteira é a resposta epistémica do subalterno ao projeto eurocêntrico da modernidade. (SANTOS e MENESES, 2019a, p. 407)

Quando libertos – civicamente – os países latinos em berço fronteiriço da América Latina começaram a ganhar força para minorar e retirar a vestimenta posta em mim/nós para, aos poucos, vestirem as vestes epistêmicas de um olhar Sul. O pensamento crítico de fronteira passa a ser racionalizado – intuitivamente – quando esses países conseguem independência dos seus opressores colonizadores. Faço – em total lisura – necessário recordar quem são esses irmãos latinos que comigo conversam pelo meu/nosso eu-epistêmico, *yo-epistémico*; *je-épistémique*.

Português, espanhol e francês, oriundos latinos, na América Latina países que se libertaram e nações genuínas se tornaram. Rememoro aqui, além do Brasil, meus irmãos latinos em ordem da conquista de independência: Haiti (1804), Paraguai (1811), Argentina (1816), Chile (1818), Venezuela e Colômbia (1819), México (1821), Equador e Brasil (1822), Peru (1824), Bolívia (1825), Uruguai (1828), Nicarágua, Costa Rica, El Salvador, Guatemala

e Honduras (1838), República Dominicana (1865), Cuba (1898) e o último de *los hermanos* latinos, Panamá em (1903).

No entrecho secular de 1804 a 1903 os países latinos em centenária batalha, um a um, foram conseguindo trocar a vestimenta eurocêntrica pela veste-epistêmica latina. A epistemologia do Sul dialoga por esses irmãos meus, comigo e meu Brasil por uma analogia assídua pela ainda libertação. Sendo todos civicamente libertos, podemos olhar – epistemologicamente – apenas para nós, para o meu/nosso biolócus de indumentária genuinamente Latino-americana.

Se minha investigação tem acontecido pela visada do lócus fronteiriço sulista, cuja experiência minha/nossa grassa e circunda esse lócus, meu/nosso eu-epistêmico, *yo-epistémico*; *je-épistémique* desfoca o pensamento pelo e com Norte e passa ser um pensamento pelo e com o Sul. Trata-se de uma leitura crítico-epistêmica que eu e *mis hermanos* latinos precisamos e em um tom emergencial estamos fazendo ao toque que considero/consideramos ser um projeto epistemológico dialogal: "*É, sobretudo, um diálogo entre os "críticos da periferia", um diálogo intercultural Sul-Sul, antes de ser um movimento para o diálogo Sul-Norte*" (DUSSEL, 2015, p. 55).

Os saberes movimentam os eixos-epistêmicos. Por opção epistemológica tenho considerado e afirmado que minha posição singular-decolonial tem aberto as portas para o diálogo Latino-americano com *mis hermanos* de sensibilidades-Sul. Quando (re)convoquei o centenário percurso que o Brasil e os outros países latinos fizeram para conquistar a sua independência, quis mostrar *sine qua non* que a nossa carta de alforria-subalterna – assinada por nós mesmos – foi manuscrita/edificada em um século (1804 a 1903), como se cada década, um ou mais países pudessem bradar o grito de liberdade política, social, histórica e, principalmente, epistemológica.

Ao arredondar 99 anos (1804 a 1903) de batalha-cívica para 100 anos de luta pela liberdade dos países latinos, considero que esse "um ano" foi o tempo que o cartório-latino – de emergente e emergencial ofício – demorou em registrar epistemologicamente tais conquistas. O canhoto desse registro epistêmico foi lavrado com vários selos-artísticos que faço questão de explanar o que vi/vejo nesse documento-epistemológico meu e de *mis hermanos* latinos.

Na carta de alforria-*fronteriza* do cartório Latino-americano selos-epistêmicos trazem: b Indígenas, Bugres, Mestiços, Crioulos, Américo Vespúcio, Simón Bolívar, José de San Martín, Dom Pedro I, José Gervasio Artigas, Bernardo O'Higgins, José Miguel Carrera, Manuel Belgrano, José de Anchieta, Antonio José de Sucre, Francisco de Miranda, Antônio

Vieira, Manuel Rodríguez, José Bonifácio, Eugenio Espejo, Juan Pablo Duarte, José Martí e José Joaquín de Olmedo.

Meu/nosso biolócus (re)conta essa escrevivência dos meus/nossos antepassados expoentes da libertação da América Latina. Posso ainda afirmar que o tabelião do cartório Latino-americano assinou essa carta de alforria-*fronteriza* com o selo maior-decolonial. Preciso aqui valorar minha/nossa América Latina por vários motivos nobres, principalmente, a crítica consciente: "*conciencia crítica y la liberación (decolonización) serán cl aportc de los autores que han sido excluidos de la idea eurocéntrica de latinidad*" (MIGNOLO. 2007, p. 123).

Ao passo que venho discernindo sobre a necessidade de se problematizar a América Latina e a independência dos países latinos, percebo que nesse *constructo*, por não mais possuir o pico-colonizador do gesto opressor, que as bandeiras de libertação diversas vão aparecendo. Hoje quando pontuo a necessidade de diálogo e total interação com *mis hermanos* latinos, valoro imensuravelmente a posição de Ramos quando pontua epistemologicamente que a América Latina não se encontra dividida porque está subdesenvolvida, mas está subdesenvolvida porque está dividida:

> En otras palabras, América Latina no está corroída solamente por el virus del atraso económico. El "subdesarrollo", como dicen ahora los técnicos o científicos sociales, no posee un carácter puramente económico o productivo. Reviste un sentido intensamente histórico. Es el fruto de la fragmentación latinoamericana. Lo que ocurre, en síntesis, es que existe una cuestión nacional sin resolver. América Latina no se encuentra dividida porque es "subdesarrollada" sino que es "subdesarrollada" porque está dividida. (RAMOS. 2012, p. 15)

Tenho partido do pressuposto que agora após um século-de-maturação e as efervescências vanguardistas, que minha/nossa América Latina está à mercê-positiva de uma unificação epistêmica. Ramos aponta o nosso subdesenvolvimento Latino-americano involucrado pelas divisões, mas percebo que afinada a questão da epistemologia do Sul as modeladas muralharas modernas começam a cair. Vejo necessidade de me ancorar na ecologia dos saberes para suplementação necessária nesse entrecho do nosso diálogo. Ora, se pela ecologia dos saberes já posso aqui comparar e vislumbrar a questão epistemológica, por que não fazê-la? Trata-se de um dever epistêmico cuja ciência-crítica que proponho pela elevada proposta decolonial se enverga aos meus/nossos merengues latinos para que o meu/nosso eu-epistêmico, *yo-epistémico*; *je-épistémique* venha alicerçar a nossa fala no cerne-epistemológico do diálogo trazido aqui por mim, por isso, arqueável a esse prostrar Latino-americano.

Como latinos que somos vejo que essa problematização tradutória revalida a permissibilidade transeunte que precisamos. Traduzo meu sujeito-epistêmico para com *mis hermanos* latinos podermos dialogar no centro da questão de libertação uma vez que o nosso biolócus (América Latina) já está – epistemologicamente – eleito por mim/nós nesse diálogo. A pluralidade dos saberes é deveras infinita o que preconiza mais uma vez a questão da eleição, da escolha. Elejo para esse debate a condição do nosso oriundo-processo-histórico que proponho chamar de latinidade decolonial.

Recorto os saberes da pluralidade Latino-americana para consentir em um único saber: os meandros para re-aprender a América Latina. Por que aqui digo re-aprender? Enquanto for utilizado o caderno de receitas dos nossos avós cuja receita traz todas as medidas que deveriam ser seguidas estaremos fadados ao copiar de um *modus operandi* cíclico. Na receita descolonial os ingredientes e o modo de preparo podem ser variados. Essa é a modalidade dialogal que proponho: um resultado novo, outro, fora do convencional, portanto periférico-*fronterizo*. Reflitamos. O chá britânico possui toda uma proposta germânico-engessada. É feito na Inglaterra por ingleses na maioria das vezes, tem horário para ser servido e até a padaria frequentada pela corte britânica é também a mais frequentada, que é também a mais conhecida, que é também a mais também de um todo também britânico. Meu/nosso corpo-epistêmico *fronterizo* nos pede para (des)britanizar.

Desde os costumes da duquesa de Belfort, Anna Maria Russell, cujo chá era tomado na britânica-Inglaterra-britanicamente às 17:00 horas, (aqui preciso usar a crase, pois, na normativa da língua portuguesa o então vernáculo brasileiro, se trata de um regra: horário exato, usa-se crase!) enfim, regra-fixa caminha na contramão de perspectiva decolonial. Gosto da crase-facultativa porque ela me dá opção antes do pronome possessivo feminino, assim como tenho elegido a América Latina para o meu/nosso debate epistemológico.

Já que muito me apetecem as opções dos fazeres outros, digo que a crase-facultativa parece estar no caminho certo quando me refiro – epistemologicamente – à questão da opção. Falo à (a) minha América Latina. Parece estar, pois, habilmente me recordo que o acento é grave. Não gosto de gravidade, mas de sensibilidade-epistemológica dosada pela opção.A descolonialidade vem justamente para (des)acostumar, (des)ritmar, (des)britanizar, desobedecer o que está instaurado. A América Latina minha e de *mis hermanos* tem preferido a enseada (des)moldurada optando pelo diálogo descolonial. Quando sugiro a visada de uma apreciação de ou ideia da/pela a América Latina, significa que estou reincidindo com a receita-cíclica de um mesmo resultado. A guisa desse meu/nosso debate é importante considerarmos Mignolo:

> La idea de América Latina se gesto en el preciso momento en que la filosofía del producir más y la filosofía del libre intercambio entraban en su época dorada. La riqueza, de los individuos y de las naciones, se equiparaba con la multiplicación de objetos pueblan el mundo. (MIGNOLO. 2007, p. 214)

Ao enunciar o meu biolócus Latino-americano preciso valorar alguns aspectos importantes para a continuação desse diálogo. Todos os *mis hermanos* latinos passam a versar a ideia de uma América Latina por não adotarem perspectivas modernas – eurocêntricas – nos meandros das discussões que tenho apenas elucidado em nome desses vários que locucionam, não apenas por eles, mas por minha América viva dos latinos que somos. As Américas vagueiam pelas fronteiras diversas e mesmo com tamanha disparidade, ainda somos unidos pela maternidade latina epistemologicamente falando. A arte da ideia de uma união valora a híbrida forma-maneira de uma fronteira das várias que tenho em minha América Latina. A começar pelo aliançar que temos/possuímos pela maternidade latina, digo e retomo o termo necessário para essa reflexão: latinidade decolonial.

O berço Latino-americano, do Uruguai ao vizinho mais distante do Brasil, México, personifica total irmandade-epistemológica, ou seja, mesmo distantes geograficamente pelo solo limítrofe, juntos estamos e nos fazemos pela latinidade decolonial que venho discernindo. Entre as fronteiras da latinidade decolonial não há impasses, mas sim compassos contemporâneos, em contrapartida, o sofrimento que se quantifica ao trecho fronteiriço no final-norte desta América Latina, tem possuídos decano ou quiçá secular sangramento epistemológico. Digo-vos que essa ferida, aberta, (in)cicatrizante não fecha, pois, não há diálogo epistemológico entre uma cultura genuinamente latina, sobretudo de latinidade decolonial, com uma cultural ainda moderna, ainda fortalecida pelo leite-materno germânico. Esse sangramento é notificado por Anzaldúa:

> La frontera entre Estados Unidos y México es una heridaabierta donde el Tercer Mundo se araña contra el primero y sangra. Y antes de que se forme costra, vuelve la hemorragia, la savia vital de dos mundos que se funde para formar un tercer país, una cultura de frontera. Lasfronterasestándiseñadas para definir los lugares que son seguros y los que no loson, para distinguir esus (nosotros) del them (ellos). Una frontera es una línea divisoria, una fina raya a lo largo de um borde empinado. Un território fronterizo es um lugar vago e indefinido creado por el resíduo emocional de uma linde contra natura. (ANZALDÚA. 1987, p. 42)

Esclareço que esse sangramento epistemológico embora em uma camada complexa reage e vai de encontro com a tensão díspares dos dois berços supracitados. A latinidade decolonial corrobora para essa ferida e sangria-desatada, mas não posso eximir os pensadores do Norte

deixando-os incólumes à partícipe situação da fronteira intransitável. Nu e cru são os moldes para esse não diálogo. Somos, pensamos e escrevemos do/pelo Sul, *arriba de nosotros* seria natural que o vento do Norte nos derrubasse quando tentamos subir no muro limítrofe entre México e Estados Unidos.

Da mesma maneira – embora de lá para cá não haja tantas ansiedades –quando se tenta – epistemologicamente – escalar o muro rumo ao Sul, as mãos – conhecido-cadavéricas – que propõem lançar em impulsos/vários seus corpos-epistêmicos para o lado de cá (América dos latinos), deslizam ao sentirem o tiritar do nosso merengue Latino Americano intencionado e pluralizado, aliás, são vários os repiques do Sul, logo, ao tentarem subir o nosso muro latino, caem com os trêmulos ritmos de cá interrompendo qualquer conversa quem dirá um diálogo. Digo então que nessa tensão não há uma fronteira entre a América Latina e aquela outra do Norte, mas sim um abismo-epistêmico-cultural.

Pelos vieses epistemológicos que tenho batalhado para disseminar e, sobretudo, teorizar, compreendo que meu corpo-epistêmico tem sido abastecido pelas interrogações decoloniais, pois, se pretendo (des)britanizar, preciso me valer dessa tomada epistêmico-indagatória pelo corredor ultracontemporâneo ao passo que migro paulatinamente meu corpo para tomada organizada de uma resposta epistemológica aprendendo a desaprender: "*Aprender a desaprender, nesse contexto, significa aprender a desaprender a lógica racional da gramática moderna para poder apreender, ou re-aprender, a gramática da fronteira que se articula a partir do pensamento descolonial*." (NOLASCO. 2018a, p. 22).

Meu corpo Latino-americano ao buscar as ferramentas para um novo rumo-epistemológico divaga por entre fronteiras. Nessas fronteiras latinas – minhas – do meu biolócus da maior parte do meu/nosso Continente Americano, reflito e sinto que a ideia da América Latina perpassa por entre relações amistosas com aqueles que latinos são na proporcionalidade de uma gana desmedida por desobedecer para poder re-aprender. Requalifiquemo-nos para (des)britanizar e olhar para a minha/nossa latinidade decolonial, reordenando o mapa-Sul como o pintor uruguaio Torres-Garciafez para por ele pensarmos, para dele pensarmos e para dele (SUL) falarmos. Ao pintarmos o Sul, olharemos para o Sul e apreciaremos o Sul nessa visada epistêmica, daremos foco ao nosso biolócus e dentre-esse-biolócus encontraremos diálogos sulistas com *mis/nuestros hermanos*.

Vislumbrar e almejar o corpo de uma unidade nacional na América Latina tem despertado – irmanado – correntes críticas no eixo-Sul, ou melhor, uma visada científica pela epistemologia do Sul. Preciso considerar que estamos nessa tomada contemporânea, ou seja, nessa questão dos movimentos em prol de um desfecho-resultado de unidade, propor uma

América Latina unificada, todavia seja o ideal, guarda-se ainda algumas lacunas pela não união entre nos países latinos:

> A questão nacional é um dilema que continua em aberto. "Na América Latina não concluímos plenamente a travessia no sentido da unidade nacional" (PALACIOS, 1983, p. 19.) As desigualdades sociais, regionais, raciais e culturais, que se manifestam em termos políticos e econômicos, no âmbito de grupos, classes, movimentos sociais e correntes de opinião pública, ressurgem periodicamente, como desafios. São várias as diversidades que escondem desigualdades, gerando contradições mais ou menos básicas. Na Argentina, Brasil, Colômbia, México, Peru e Venezuela, entre outros países, continua importante o contraponto região e Nação: província e Nação, costa e serra, planície e montanha, litoral e sertão. Os arranjos entre os interesses predominantes nas regiões e, em especial, entre as regiões e a capital, são básicos para a manutenção de estruturas de poder. (IANNI. 1988, p. 11)

Des-pensar para poder pensar vem a guisa desse cerne Latino-americano que tenho vislumbrado. O modelo de unificação internacional como a União Europeia de nada nos serve nesse debate, pois, ao pensarmos em um modelo tradicional, volvemos ao teto acadêmico de bordas alcançáveis, logo, a necessidade coerente de se des-pensar para poder pensar um caminho para avizinhar a América Latina pela contemporizada leitura pela epistemologia Sul.

Tenho refletido que a unidade entre a os países da América Latina urge necessidade profícua-cultural. Tenho (des)pensado qualquer modelo – sobretudo-moderno – para realocar, encontrar e promover a criticidade do meu biolócus, portanto, a América Latina. Peço vênia aos amantes da modernidade para discernir que a libertação crítica Latino-americana perpassa pela unicidade latina, ou seja, por mim – Brasil – e dos meus irmãos latinos, fatídico acontecimento dar-se-á pela corroborada bandeira de latinidade decolonial que venho propondo. O que seria essa latinidade decolonial? A perspectiva planeada pela epistemologia do Sul. Para tanto, pensar em uma unidade entre mim e *mis hermanos latinos* pode ser materializada – epistemologicamente – ao se aplicar criticamente o alicerce que renove a relação como ideal para ponto de partida. Grande parte dos críticos da América Latina anseia o que venho chamando de latinidade decolonial, ao passo que discuto meu sujeito-epistêmico redobro o zelo crítico entre o meu/nosso biolócus e a necessidade de reaprendermos para afixarmos a América Latina como unidade literocultural com o peso e endosso literário valorado por Nolasco:

É para nós que o – perspícuo – escantear moderno abre as portas para a lucidez epistemológica da busca de se (des)britanizar a América Latina cujo processo que apresenta os aferes matizados do nosso biolócus, portanto, Latino-americano, está no sinestésico-modo-de-pensar a valia do desaprender.

Para se experienciar a criticidade dessa irmandade que vem crescendo do valor Sul, no lócus Sul, da minha/sua América Latina abdiquemo-nos das vitrines imperialistas (modernas). Quando pontuo que a modernidade deva ser escanteada, não subjugo os feitos da sua posição dogmática, mas sim, licencio-me à opção decolonial. Minha latinidade é responsiva, aberta e sensível. Ao não eleger a modernidade como fonte crítico-literária não quero assim dizer que a catedrática literalidade eurocêntrica cultiva (des)valores, ou seja, digo apenas que em se tratando de liberdade, a visada decolonial transita por esses entre-lugares. Como tenho me valido pelos corredores da ciência – nesse adendo – cientista coerente – decolonial – que sou, reitero que jamais abdico da cultura moderna, apenas não a tenho como base epistemológica nos cenários contemporâneos em que vivo: América Latina, Brasil, Fronteira-Sul e minhas escrevivências.

A condição epistemológica da América Latina vai de encontro com a minha vivência de docente em vários segmentos da educação brasileira como professor e investigador. Além de lecionar nos ensinos fundamental e médio, também leciono em faculdades com regularidade profissional. Onde estaria aqui a relação da minha escrevivência com a América Latina? Primeiro porque se penso daqui (América Latina), vivo aqui e daqui escrevo, já tenho aqui uma indiscutível relação, ou melhor, um entrelaçar veraz ao meu biolócus.

A questão epistemológica Latino-americana se emaranha em minha discussão do recorte que agora faço e explico o porquê desses entrelaces. Um dos maiores conflitos contemporâneos se dá pela modalidade da educação (des)temporal: escolas/famílias do século XIX, professores/pais do século XX e alunos/filhos do século XXI. Eis a tríade da discórdia. Tradicionalismo, educação e contemporaneidade em atritos.

Essa tríade que tenho discutido – epistemologicamente – em campos meus educacionais justificam, ou pelo o menos, facilitam o entendimento da conflitante discussão crítica quando pensamos: modernidade pré-industrial, modernidade industrial e modernidade pós-industrial. Indivíduos temporalmente distintos buscando solidificar/disseminar seus entendidos valores em momentos também atípicos.

A crítica desses três períodos supracitados: secular familiar-educacional e as instâncias da industrialização remontam filosofia e a posição do que venho discernindo. Quando hoje se tenta aplicar a indumentária moderna quando os liames concernentes à literatura não se abastecem nessa verve, fragilizamos uma possibilidade de inovação e – cientificamente –

estagnamos o pensamento crítico em sua evolutiva contribuição crítica-cultural. Eis a importância do cientista.

Por que dentro de muitas instituições de ensino e em várias famílias no mundo no eixo multicultural, número notável de bisavós/avós rotineiramente entre nos chamados conflitos de valores com seus entes? O fato é que as credibilidades conceituais são outras, são períodos outros, são experiências outras. Faíscas conceituais por quê? Porque suas conceptualizações basilares sãos outras, mesmo ainda havendo ligação do cordão-umbilical que os aproxima.

Nesses meandros, sinto pelo meu biolócus professoral-pesquisador Latino-americano que as sensibilidades preditas aqui esclarecem muitos conflitos entre críticos no cenário Norte x Sul ou Sul x Norte. Ao me referir aos alarmes Norte-Sul e Sul-Norte, credito que por sermos de berços-epistêmicos genuinamente distintos, nossos conflitos conceituais acontecem/acontecerão por natureza epistemológica. A América Latina por séculos – pelo o menos os dois últimos – vem em exauridas parcialidades sofrendo ao tentar inserir em meu/nosso corpo uma alma-epistêmica amoderna, ou melhor, transmoderna: "*Dussel (1995) propôs a categoria de transmodernidade como alternativa para a pretensão eurocêntrica de que a Europa é a produtora original da modernidade*". (QUIJANO, 2005, p. 124).

A crítica Latino-americana está para o Sul epistemológico assim como o Latino-americano está para o Sul decolonial. Para pensar essa proposta é preciso despensar os tradicionalismos vigentes, porque do contrário, teremos conflitos dos teorizares diverso. Ao propor o despensar tradicional, digo que devemos (des)britanizar o cânone vigente abrindo margem para margem, mas não voltar absolutamente os holofotes para a fronteira, contudo apenas entender que esse espaço, existe e, sobretudo contribui criticamente. A cultura latino-americana apresenta a mestiçagem que muito vemos no Brasil, essa é a identidade que valora esse espaço pluricultural: "*Por ese motivo, América Latina es un conjunto de paises en los que, curiosamente, se celebre el mestizaje, como el rasgo fundamental de la homogeneidad nacional*" (MIGNOLO. 2007, p. 154).

Vejo e percebo que o pensar fora do estabelecido, ou seja, do cânone, quantifica uma tomada responsiva que estou mantendo em meus diálogos epistemológicos. Conseguimos alçar voos decoloniais quando subjetivamo-nos de fronte ao sinestésico outro, ao qual venho delineando e nomeando de latinidade decolonial. No caso ainda América e seus corredores latinos, dobro-me a múltiplos entendimentos de que somos uma nação latina e que há ainda bastantes entraves epistêmicos no diálogo que emanciparia – em definitivo – a questão da

minha/nossa libertação crítico-epistemológica. Prefiro qualificar essa nação latina pela parceria:

> Na América Latina, as relações externas constituem uma determinação essencial; entram decisivamente na definição do perfil da Nação. Uns falam em interdependência, parceria, associação etc.; outros se referem à subordinação, perda da soberania, administração externa. Podem mudar as interpretações, mas todos reconhecem a importância das relações externas na conformação externa e interna tanto do Haiti como do México, do Paraguai como do Brasil. (IANNI. 1988, p. 18)

Em meu caso, como brasileiro, percebo que em meu país a disparidade literária – pelos vários contextos de colonização – é peculiarmente pluralizada. Então é por esse/nesse contexto que nasci, vivo, penso e escrevo que trago a defesa do Brasil poder ser um grande facilitador para esses diálogos. Temos na minha América Latina e de *mis hermanos* vastidão cultural o que interfere habilmente nos debates de crítica literária uma vez que a cultura e a literatura – epistemologicamente – caminham juntas.

Como cientista Latino-americano endosso minha fala pela experiência que o Brasil pode oferecer/compartilhar na América Latina. O fato de possuirmos larga dimensão territorial e ampla população, ou seja, a maior de América Latina posso dizer pela fortaleza epistemológica do meu biolócus de que o Brasil que conheço – por ser brasileiro – muito se equipara aos demais países latinos. Não digo pelo fator linguístico uma vez que a língua portuguesa é ainda mão única para nós, digo culturalmente quando me refiro aos processos de colonização.

Por isso proponho rever as condições históricas. Como o Brasil economicamente detém a maior rentabilidade monetária se comparado aos demais irmãos latinos, poderíamos aqui, promover encontros debates – esses em todas as regiões brasileiras – uma vez que nossa literatura – plural de natureza – se assemelha à pluralidade da literatura dos países latinos, mas qual seria essa semelhança? Digo a primeiro toque epistêmico que o primeiro ensejo de discussão circunda a questão da diversidade literocultural. O debate enaltece.

Ainda falando sobre o meu país, conceituo que no Brasil de maneira ímpar possuímos as correntes da modernidade até o pensamento contemporâneo que ao meu modo de refletir, estudar e experienciar, transita pelas redondezas da colossal arte-literária. No Brasil, as desenvolturas e apreciações da arte literária africana enraizaram e reordenaram a concepção do estilo literário nordestino brasileiro.

Faço questão – em tom expressivo – relembrar do escritor brasileiro de Aracati no Ceará – Adolfo Caminha cuja obra: *Bom Crioulo*, de 1895, condensa a problemática de um protagonista mulato e homossexual, ou seja, embora tenha havido reclusão da obra no Brasil espaços outros do tradicionalismo começava (no pretérito imperfeito, pois, ainda não cessou e não cessará) receber desejosos críticos que transitavam por perspectivas outras. Valioso exemplo brasileiro quando começo a discernir sobre a nossa contribuição na América Latina.

Falo aqui de vozes brasileiras pós-independência que serviram/servem para apresentar nesse meu diálogo epistemológico o quão o Brasil pode servir de mediador para conosco e, com *mis hermanos latinos*, promover o hasteamento da nossa bandeira de latinidade decolonial. Nessa línea de teorização justiçável sobre o cenário plural brasileiro apresento uma levada de escritores do nosso romantismo a começar pela incipiente fase que trouxe a geração que chamamos de Gon-Gon-Alencar, Gonçalves dias, Gonçalves de Magalhães e José de Alencar.

Os gritos dos latinos em suas independências cívicas ecoam até os dias hodiernos. Enquanto muitas vezes se tenta compreender a beleza local de fauna e flora e os esperançares da nação, os hinos são afogados por estrofes e estribilhos que cantarolam sanguinolentas canções de raça, força e fé de exauridas batalhas que tiveram para que, civicamente, chegassem à liberdade, ou pelo o menos, à oportunidade de caminharem libertos.

Por que aqui sentencio: "ou pelo o menos"? Sim, muitos latinos ainda estão presos aos seus colonizadores opressores de cultura não latina, de cultura não decolonial. Conflitos e mais conflitos. Como prosear ao tom moderno quando o vernáculo de todos latinos está posto à mesa? Por isso vejo a necessariedade de se eleger o Brasil como intercessor para a valoração da nossa latinidade decolonial.

Pós-independência muitos escritores brasileiros puderem esmerar ou quiçá polir as faces prematuras de um país gigante em sua cultura. A escola literária romântica brasileira demonstrou esses primeiros passos de um Brasil que gatinhava ao solo de uma estrada ainda sem destino. Aqui preciso resgatar o romantismo brasileiro, pois, foi por essa escola literária que a partir de 1822 com independência brasileira e debruçadas missões críticas como o anticolonialista e antilusitano que Brasil empeçou a edificar a sua criticidade amoderna.

Após o emblemático 7 de setembro de 1822 o Brasil recebia por organização dos críticos da época, a chegada da *Revista Niterói*. Para que *mis hermanos* compreendam esse diálogo, peço-lhes tranquilidade-crítica para que, aos poucos, eu possa delinear os caminhos

para que o Brasil seja, verdadeiramente, um intercessor crítico para a minha/nossa epistemológica latinidade decolonial, por isso, adianto-lhes que meu recorte nesse momento se dá pela necessidade de irmanarmos nossos berços latinos. Derrubaremos as fronteiras epistêmicas deixando ainda por existir a beleza das fronteiras limítrofe-geográficas quando sotaques e sorrisos por ali se cruzam.

Como predisse, a *Revista Niterói* no Brasil chegava com essas propostas matizadas: anticolonialista e antilusitana. Você deve se perguntar por que elegi a obra: *Bom Crioulo* para abrir as portas do Brasil. Quis de modo retardatário justificar como Adolfo Caminha em 1895 conseguira lançar esse sólido romance brasileiro. Para isso, para chegarmos a Caminha, o Brasil foi sendo – paulatinamente – descolonizado para que esse ápice crítico – que muito nos apraz discutir – chegasse à culminância da obra: *Bom Crioulo*. Caminhos críticos da liberdade.

Naquele momento estávamos iluminados ao sol do novo mundo, com os seletos críticos e escritores brasileiros como: Araújo Porto Alegre, Sales Torres Homem, Pereira da Silva e Domingos José Gonçalves de Magalhães. Esses escritores resolveram escrever uma revista com temas de interesse nacional, ou seja, genuinamente brasileira. Por esses meandros a magazine das forças anticoloniais, portanto a *Revista Niterói* chegava ao cenário crítico brasileiro. Crítico das dificuldades e crítico dos posicionamentos sócio-políticos. Já monumentosa naquele momento a *Revista Brasiliense de Ciências, Letras e Artes*, trazia a epígrafe: "*Tudo pelo Brasil e para o Brasil*". É por essa bradada vontade que aqui estamos.

Não poderia se não receber a nomenclatura alcunhada em: Nacionalismo. Essa foi a primeira fase do romance brasileiro de escritores anticolonialistas que angariavam forças para ludibriarem a força – ainda presente do colonizador – viva nos corredores do Brasil. Éramos frágeis, muito frágeis. Embora o Brasil fosse liberto civicamente de Portugal, ainda estávamos acorrentados à desumana escravidão que preenchia o quintal brasileiro pelo eurocentrismo dominador. Mais adiante, vamos compreendendo o porquê do Brasil poder ser hábil condutor para esse cenário Latino-americano que tenho explanado. Eis a importância e entendimento do nacionalismo:

Venho analisando o Brasil – epistemologicamente – para demonstrar que, distintamente dos demais países latinos, no Brasil, grandes movimentos foram impetrados em prol da liberdade cultural. Com propriedade do meu biolócus brasileiro também recordo

que após 1822 os escritores românticos ficaram conhecidos ainda como nativistas, porque seus romances retratavam os indígenas e sua condição liberta na natureza.

Aqui tínhamos pelas sensibilidades – sinestésico-epistêmicas – dos críticos brasileiros a busca por essa emancipação definitiva, assim como o indígena, que embora alicerceados também, ainda conseguiam manter os seus costumes. Nessa fase de criticidade pela libertação o Brasil contou com as produções poéticas dos Gon-Gon-Alencar: Gonçalves dias e Gonçalves de Magalhães pelo gênero poético e José de Alencar pelos entrelaces do romance.

Aos *mis hermanos* latinos faço gosto em apresentar que tal envergadura e postura que venho discernindo são totalmente convenientes. No período de transição colônia-nação, o Brasil tinha – como era comum no mundo – muitos escritores estudando no exterior. Esses lá estavam por condição exilar ou por doce opção. Demonstrando a responsiva da dialética proposta recordo – epistemologicamente – que a crítica desses escritores era pelos contemporâneos da época muito valorosa.

Conto aos companheiros latinos que desses poetas, foi emprestado parte do poema *Canção do Exílio* de Gonçalves Dias e que se impetrou para nunca mais sair do Hino Nacional Brasileiro com parte versificada da nossa letra. Onde aqui quero dialogar com vocês? Demonstrar a valia que se davam na época para esses que batalhavam – intencionalmente – para que se quebrasse a cultura luso-europeia para nós aqui no Brasil. São os trechos: "*Nossos Bosques têm mais vida*", "*Nossa vida*", "*mais amores*". Vida e amor, retirados da obra de Gonçalves Dias são sinestesicamente receitas para a união da nossa latinidade decolonial.

Aqui – epistemologicamente – falando pelo meu/nosso biolócus Latino Americano, utilizo da letra do Hino Nacional Brasileiro de Joaquim Osório Duque-Estrada (1870 - 1927) melodiada pela música de Francisco Manuel da Silva (1795 - 1865), para reforçar o meu convite brasileiro para que nos reunamos em terra das forças críticas, em terra de diálogo apreciado epistemologicamente. Para reforço do convite, peço-lhes sensível atenção para apreciarem o outro trecho-estrofe extraído do Hino Nacional do meu país: "*Deitado eternamente em berço esplêndido, Ao som no mar e à luz do céu profundo, Fulguras, ó Brasil florão da América, Iluminado ao sol do Novo Mundo*". *¿Hermanos latinos, vamos chalar en mi/nuestra casa?*

Em sensível crítica-epistemológica proponho que reflitamos a sugestiva latinidade decolonial do meu/nosso corpo Latino-americano. O que é comum acontecer quando uma flor aromática desabrocha? Diversificados insetos são atraídos pelo mesmo objetivo. O perfume conduz – sobretudo as abelhas – para nas atratoras flores chegarem. O Brasil como está posto no Hino de minha nação é trazido como florão da América – *o sea mis hermanos, una grande o la mayor flor* – se aqui somos a flor da América por que não nos reunirmos pelo mesmo objetivo?

Outro detalhe bastante valoroso, encontramos no final do último verso da estrofe predita: "*Iluminados ao sol do Novo Mundo*". Após 1822 bradamos em nosso Hino Nacional Brasileiro que somos – epistemologicamente – iluminados pelo sol do Novo Mundo. Aqui *mis hermanos latinos* lhes proponho uma reflexão: o sol sendo novo para iluminar parte da América Latina – no caso o Brasil – traz seu brilho novo e calor novo pelas vozes da conhecida força eurocêntrica?

Penso, reflito e afirmo que não! Aliás, o sol eurocêntrico pouco tem dado conta de aquecer outros cantos do mundo principalmente por lá fazer frio grande parte do ano epistemológico. Por aqui – em minha terra brasileira – os raios por serem novos trazem o sol o Novo Mundo decolonial, ou seja, seu fulgurar carrega em seus raios minha/nossa latinidade decolonial.

Na escola literária romântico-brasileira tivemos/temos como traço essencial o nacionalismo, enaltecendo o indianismo, o regionalismo, a pesquisa histórica, folclórica e linguística e a crítica aos problemas nacionais. Ser independente da cultura eurocêntrica foi, sem sombra de dúvidas, uma das maiores comoções entre os críticos da época aqui no Brasil. A América Latina passa agora a se ancorar no Brasil como parte de sua extensão crítica o que tenho percebido desde a força Freiriana quando as pedagogias afugentavam dos oprimidos para bem distante os seus opressores.

A segunda geração brasileira passa muito rápida. Não digo isso pela possível (des)importância dos escritores da época, pelo contrário, foram bons escritores e vates da literatura brasileira. O fato é que o período romântico brasileiro ainda no chão-epistêmico precisou alçar voo como quem muito precisa em sua criticidade pela cultura brasileira. A segunda geração romântica brasileira sofrera muito, sobretudo pela peste trazida de Portugal para o Brasil, onde, mais uma vez o colonizado sofria com as ações do colonizador.

Conhecida como epistêmica geração ultrarromântica, esse período romântico brasileiro ainda estava muito preso à produção internacional, sobretudo, ao escritor inglês Jorge Gordon Byron forte nome do romantismo britânico, além das temáticas do novelista e dramaturgo francês Alfred Louis Charles de Musset. O fato é que o romantismo brasileiro – assim como na contemporaneidade – caminhava/caminha por conhecidas estradas eurocêntricas. Aqui quando proponho falar do Hino Brasileiro para *ustedes, mis hermanos latinos*, e das conquistas de minha nação, valoro as propostas daqueles que fugiram à regra, ou seja, (des)britanizaram os costumes logo: "*De acordo com Mignolo, "desprender-se significa não aceitar as opções que lhe brindam. Não pode evitá-las, mas ao mesmo tempo não quer obedecer*". (NOLASCO. 2018a, p. 17-18).

Para enquadramento desse diálogo romântico que estamos tendo, trago-lhes uma resenha-literária daquelas que chamamos no Brasil de terceira geração romântica. Enquanto a peste matava muitos brasileiros e ainda se discutia muito aos moldes eurocêntricos, a terceira geração chegou para sair do chão-epistemológico. A fase intitulada condoreirismo em homenagem a ave condor, que alça altíssimos voos e lá de cima, de cantos novos, de ares novos, busca compreender para saber onde e o melhor momento para descer e participar dos acontecimentos que lhe apraza. A ave condor pela envergadura de mais de dois metros de meio de asas, consegue voar acima das montanhas e para o momento brasileiro da terceira geração, voar além-das-montanhas era necessário como tem sido até hoje.

No período em que lhes estou apresentando, o escritor brasileiro de maior credibilidade e criticidade social foi o poeta Castro Alves no Brasil, conhecido como o poeta dos escravos. Uma de suas curiosas obras intitulada "*Espumas Flutuantes*" merece aqui uma apreciação que sempre locuciono aos meus alunos em sala de aula, mas que pela primeira vez irei registrá-la. No mar, as espumas – sobretudo na quebra da onda – aparecem por cima. Quando o autor traz esse belíssimo colóquio titular "*Espumas Flutuantes*", parece que aqui temos uma redundância ao que pudera ser.

O fato de acrescentar a palavra: "flutuantes", ainda em mesmo título, Castro Alves – como militante contra a escravidão – demonstrava que ainda era por cima que os brancos estavam se comparados aos pretos-escravos. Aqui *mis hermanos latinos* reconsidero – epistemologicamente – que o Brasil bradava pelas minorias desde os incipientes capítulos de sua independência. Hoje no cenário crítico-literário ainda somos vistos – indevidamente – por alguns críticos extra-América-Latina.

Despensar o eurocentrismo e as convenções canônicas nos levam ao encontro do Sul com o próprio Sul. Fiz em total lisura a apresentação basilar do meu biolócus brasileiro ao passo que levei a todos *ustedes* o porquê do Brasil – como florão da América – pode servir de ponte-intercessora para o nosso fortalecimento daquela que nos preenche, daquela que nos qualifica, refiro-me à latinidade decolonial, onde para falarmos do Sul, como propriedade o faremos, pois, o Sul aqui não é geográfico porque a nossa rosa-dos-ventos é crítica e epistemológica pelo despensar dogmático, mas vernaculizado que sou/somos na América Latina.

Gosto bastante do termo vernáculo, até em sala de aula, leciono – normativamente – com esse vocábulo. Ele caracteriza muito os aferes matizados da América Latina, assim e por isso mesmo qualificá-lo-ei. Vernáculo do latim: *vernaculum* significa: "idioma de uma nação" ou curiosamente: "escravo nascido na casa do amo/patrão". Na América Latina antes do primeiro país – e até depois – conquistar a independência, quantos latinos escravos ou em situações similares – nasceram nas casas de seus patrões.

Para a concluinte da primeira parcela desse diálogo – embora muito nos seja vasto o assunto – transferi do meu biolócus brasileiro, portanto Latino-americano, para *mis hermanos latinos* a confiabilidade sociocultural de que a enseada crítica na América Latina, do olhar cujo Sul se encontra com o próprio Sul, transfigurará as inconstâncias que nos foram dadas pela modernidade-eurocêntrica. Reiteramos que despensar – olhar com as epistemologias do Sul – dar-nos-á a confiança epistemológica de que (des)britanizar, abdicar das academias e seu modo teorizador-eurocêntrico nos será dado o sol do Novo Mundo com reunião ao redor do florão da América, o meu Brasil, então fazendo papel atrator para que minhas/nossas sinestésicas flores rodeadas por *mis hermanos latinos*, cuja liberdade tem sido conquistada pela minha/nossa latinidade decolonial e como Dabashi fora respondido como Mignolo, confirmo: Sim podemos *mis hermanos latinos*.

Precisamos então encontrar um cenário amistoso em minha/nossa América Latina esse cenário sucumbirá em prole crítica a veracidade crítica do povo, meu/nosso povo Latino-americano. Nessa remontada batalha epistemológica, (des)britanizar para se valorar a latinidade nossa é emergencial. Tenho recolhido e apreciado autores da nossa América Latina, autores de datas pretéritas e aqueles ainda contribuem em vida para esse diálogo. Cultura, crítica e epistemologia são basilares para essa formação de uma nação crítica Latino-Americana fomentando o diálogo intercultural: "*Com essa capacidade de se fertilizarem*

transversalmente, mutuamente, os pensadores críticos da periferia e dos espaços de "fronteira" consolidam o fruto do diálogo intercultural" (DUSSEL, 2015, p. 55).

Em todas as faces artísticas, filosóficas, sociológicas e literárias, encontramos o enrosque da América Latina. Aqui registro que – embora apreciador do vernáculo brasileiro – gosto em preferência de pronunciar "América Latina" em língua espanhola a língua portuguesa pela opção que tenho de locucionar: *Latinoamérica* e explico ora, pois.

O gentílico *Latinoamérica* em língua espanhola (língua predominante na América Latina) me traz a preferência por dois motivos. O primeiro deles acontece porque o nome Latino vem primeiro – isso nos irmana na América Latina – e segundo porque o gentílico *Latinoamérica* ou *Latinoamericano* pronuncia-se como palavra única (corpo-crítico único) e é atrás dessa unidade crítico-epistêmica que aqui tenho proposto esse diálogo com *mis hermanos latinos* do Uruguai até o México em toda a nossa pluriversalidade epistêmica.

Na ponta sul da América Latina, portanto, na América do Sul, os países aliançaram forças – inclusive cultural – para promoção dos valores locais. Não significa que quem esteja fora – mesmo sendo um país da América do Sul – considero apenas fatores políticos, pois, o que nos move aqui perpassa pela criticidade epistemológica do diálogo entre os teóricos da América Latina que possuem teorizações amodernas. Por isso o desvencilhar necessário da cultura moderna que ainda nos circunda como elucida Aníbal Quijano: "*A colonialidade do poder ainda exerce seu domínio, na maior parte da América Latina, contra a democracia, a cidadania, a nação e o Estado-nação moderno*". (QUIJANO, 2005, p. 135).

Em 1991 no então tratado de Assunção, criava-se o Mercado Comum do Sul o MERCOSUL. Esse bloco econômico é composto pelos países: Argentina, Bolívia, Brasil, Paraguai e Uruguai cujo lema oficial do bloco é: "*Nosso Norte é o Sul*". Gostei. Confesso que o lema desse bloco muito me apetece, pois, trata-se de uma visada de latinidade decolonial. O nome oficial do MERCOSUL ou MERCOSUR está nas línguas portuguesa, espanhola e guarani. Em língua espanhola: *Mercado Común del Sur*, MERCOSUR; em língua guarani: *Ñemby Ñemuha*. Isso demonstra acolhimento literocultural em minha/nossa América Latina. Mesmo a classificativa do bloco em ser econômico o que me muito me tirita os ossos epistêmicos é a primeira condição interacionista do bloco: promover a integração dos povos sul-americanos através de mostras e bienais de arte.

A questão epistemológica latino-americana imbrica nessa tomada crítico-contemporânea nos levando a relevante missão de compreendermos os caminhos que nos levam na contramão

moderna, ou melhor, por uma nova direção epistêmica. Em se tratando de questão cultural e, sobretudo, opcional, eleger a decolonialidade é uma maneira ao qual nos erigimos para dar a esse processo – de libertação eurocêntrica – uma condição dialogal cujo Sul, possa dialogar com o Sul ainda que fora na América Latina sejamos críticos de expressão ainda não sólida no cenário crítico literário contemporâneo, cuja libertação crítica acontecer-se-á pelo invólucro epistemológico para aqueles que valoram seu biolócus, logo, seu lócus de vida latino-americano.

Referências

ANZALDÚA, Gloria. *Borderlands/La Frontera: The New Mestiza*. San Francisco: Aunt Lute Books, 1987. (Obra Completa)

DUSSEL, E. Transmodernidade e Interculturalidade (Interpretação desde a Filosofia da Libertação). In: FORNET-BETANCOURT, R. (Orgs.). Interculturalidade: críticas, diálogo e perspectivas. São Leopoldo: Nova Harmonia, 2004. p. 159-208. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/302983551_Transmodernidade_e_interculturalidade_Interpretacao_a_partir_da_filosofia_da_libertacao.

IANNI, O. A questão nacional na América Latina. *Estudos Avançados*, *2*(1), 1988. (Obra Completa)

MIGNOLO, Walter D. La Idea de América Latina. La herida colonial y la opción decolonial, de Walter D. Mignolo. Barcelona: Gedisa (2007 [2005]).Tradução do original em inglês: Silvia Jawerbaum e Julieta Barba. 241p. (Obra Completa)

NOLASCO. E, C. Descolonizando a pesquisa acadêmica. 2018a. Disponível em: https://periodicos.ufms.br/index.php/cadec/article/view/7725. Acesso em: 20 abril 2020.

NOLASCO, E. C. Por uma gramática pedagógica da fronteira-sul. 2019. Disponível em: https://periodicos.ufms.br/index.php/cadec/article/view/9688. Acesso em: 20 abril 2020.

QUIJANO, A. Colonialidade do Poder, Eurocentrismo e América. In: LANDER, E.(Org). A Colonialidade do Saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latinoamericanas. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales-CLACSO, 2005. (Capítulo de Livro)

RAMOS, Jorge Abelardo. História da nação latino-americana. 2. ed. Florianópolis: Insular, 2012. (Obra Completa)

SANTOS, B. S.; MENESES, M. P. (Org.). Epistemologias do Sul. São Paulo: Cortez, 2010. 637 p. (Obra Completa)